

ANTROPOLOGIA DA MISSÃO EM CABO VERDE: CULTURA, COSMOVISÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO

Daniel da Cruz Moulié Corrêa¹

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar como a antropologia missionária pode contribuir para o desenvolvimento transcultural da missão em Cabo Verde, oferecendo um plano prático de atuação. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica em autores de referência, associada à análise contextual do campo missionário cabo-verdiano em seus aspectos históricos, culturais e religiosos. Os dados colhidos evidenciam que a fluência no *krioulu kabuverdianu* é essencial para a comunicação eficaz; que fatores de estresse como custo de vida, logística insular, saúde e educação exigem estratégias de mitigação; e que a matriz cultural predominante é honra–vergonha, com traços de medo–poder e culpa–inocência. As análises indicam ainda que a *morabeza*, a musicalidade e as refeições comunitárias oferecem pontos redentivos relevantes para a comunicação do evangelho. Conclui-se que a escuta atenta e o discernimento entre o essencial e o negociável permitem uma contextualização fiel e transformadora, capaz de proclamar Cristo como aquele que restaura a honra e acolhe na família de Deus.

Palavras-Chave: Antropologia missionária. Cabo Verde. Contextualização do evangelho. Honra–vergonha. Krioulu kabuverdianu.

¹ Daniel é missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira e atua como Líder Global de Inteligência Missionária. É mestrando em Teologia com ênfase em Missiologia na FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. É formado em Química e teologia (livre). Possui formação em Inteligência e Contrainteligência pela Escola de Inteligência do Exército, e, Geopolítica e Liderança Estratégica pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Tem especialização em Engenharia Ambiental e certificação internacional em Gestão de Projetos Sociais pela APMG International. Atua na coordenação de estratégias de inteligência e segurança em contextos de atuação missionária, especialmente em cenários de instabilidade geopolítica.

Abstract

The article aims to analyze how missiological anthropology can contribute to the cross-cultural development of mission in Cape Verde, offering a practical plan of action. The methodology used was a literature review of reference authors, combined with contextual analysis of the Cape Verdean mission field in its historical, cultural, and religious aspects. The data collected show that fluency in kriolu kabuverdianu is essential for effective communication; that stress factors such as cost of living, insular logistics, health, and education require mitigation strategies; and that the predominant cultural matrix is honor–shame, with traces of fear–power and guilt–innocence. The analysis also indicates that morabeza, musicality, and communal meals provide significant redemptive points for communicating the gospel. It concludes that attentive listening and discernment between the essential and the negotiable allow for a faithful and transformative contextualization, capable of proclaiming Christ as the one who restores honor and welcomes people into God's family.

Keywords: Missiological anthropology. Cape Verde. Gospel contextualization. Honor–shame. Kriolu kabuverdianu.

Introdução

O missionário contemporâneo precisa agir como um antropólogo informal, onde precisará observar, descrever e interpretar a realidade local para, depois, então, responder com uma teologia encarnada que respeite o “outro” e confronte aquilo que distorce a verdade de Cristo.

Segundo LIDÓRIO (2011, p. 19-20), a antropologia Missionária objetiva entender o homem como um ser biológico e cultural com o foco no desenvolvimento das relações interpessoais e que promova a partilha das verdades em Cristo a partir da cultura local. Para HIEBERT (2005, p. 30), a cultura é definida como “os sistemas mais ou menos integrados de ideias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”. GONZÁLEZ (2011, p. 79) afirma que “a cultura faz parte do propósito de Deus para a criação e que, portanto, o fato de haver cultura é sinal de sua presença e de sua obra”. Segundo LIDÓRIO (2011, p. 41),

“A antropologia missionária fundamenta-se numa perspectiva de dinâmica social e cultural, de entendimento do homem num processo de constante mudança a partir de ideias próprias ou de intervenções externas. Ela percebe a sociedade humana numa continuada busca por soluções para as problemáticas da vida e se propõe a dialogar e a interagir, com a intenção de partilhar valores e princípios que se mostram válidos para o homem, de acordo com os critérios éticos de autonomia e liberdade.”

Sendo assim, este trabalho visa aplicar esses princípios ao contexto de Cabo Verde, campo escolhido pelo autor do trabalho, visto já ter experiência prévia no país. Cabo Verde, que fica a 455 quilômetros da costa oeste da África, é um arquipélago no oceano atlântico composto por dez ilhas, divididas em dois grupos, ilhas de Barlavento e ilhas de Sotavento, de onde sopra o vento e por onde se escoia o vento, respectivamente. Assim, as ilhas de Barlavento são Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista; já as ilhas

de Sotavento são Maio, Fogo, Brava e Santiago, onde tem a capital Cidade da Praia.²

Segundo o governo de Cabo Verde, o arquipélago foi descoberto em 1460 por navegadores italianos e portugueses. O povoamento começa pela ilha de Santiago em 1462. Por ter uma posição estratégica, Cabo Verde fez parte das rotas que ligavam Brasil, África e Europa, servindo as ilhas como entreposto comercial e de aprovisionamento, principalmente no tráfico de escravos. Com o fim da escravidão, Cabo Verde entra em decadência e passa a viver sob a economia de subsistência. O povo caboverdiano surge a partir da mistura dos europeus presentes nas ilhas e escravos da costa africana, surgindo, assim, sua cultura e língua, o crioulo.³ O Português é a língua oficial de Cabo Verde, mas o crioulo, tendo como base a língua portuguesa com dois principais dialetos⁴, é a língua falada no dia a dia da população.

Segundo o Banco Mundial⁵, Cabo verde tem uma população de mais de 520.000 habitantes, com expectativa de vida de 76 anos, crescimento populacional de 0,5% anualmente e 14,6% da população na faixa de pobreza, onde a pessoa vivem com menos de USD 1,90 por dia. O principal centro urbano do país é a capital, Cidade da Praia, tendo uma população urbana de 68% da população total e 100% da população urbana tem acesso a água potável. As despesas com saúde representaram, em 2021, 6,9% do PIB e as despesas com educação representaram, em 2023, 4,3% do PIB⁶.

Segundo a Embaixada de Cabo Verde no Brasil, a liberdade religiosa é garantida pela Constituição do país e respeitada pelo governo, e destaca que o país goza de boas relações entre as variedades de religiões presentes no país. A embaixada apresenta que mais de 90% da população é nominalmente católica romana, mas apresenta que há outras igrejas representadas como a Igreja do Narazeno, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos

² Informações da geografia de Cabo Verde. Disponível em: <https://www.governo.cv/o-arquipelago/geografia/>. Acesso em: 25 junho 2025.

³ Informações da história de Cabo Verde. Disponível em: <https://www.governo.cv/o-arquipelago/historia/>. Acesso em 25 junho 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/cabo-verde/>. Acesso em: 25 junho 2025.

⁵ Informações de Cabo Verde. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/cabo-verde>. Acesso em: 25 junho 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/cabo-verde/>. Acesso em: 25 junho 2025.

dos Últimos Dias (Mórmons), a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus. De outras matrizes religiosas, a embaixada destaca a religião Islâmica e a Fé Bahá'í. Ela também destaca um grupo de difícil acesso, que são os rabelados, um pequeno grupo católico que se rebelou contra a Igreja Católica Romana e que vivem isolados, que a embaixada cita como um grupo católico tradicionalista específico de Cabo Verde⁷.

O *2022 Report on International Religious Freedom: Cabo Verde*⁸, do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, reafirma, assim como a Embaixada de Cabo Verde no Brasil, que a Constituição de Cabo Verde e outras leis protegem o direito dos indivíduos de escolher, praticar, professar e mudar de religião, prevendo, também, a liberdade religiosa e de culto e a igualdade de direitos. Nesse relatório é apresentada a composição religiosa de Cabo Verde, a partir do censo de 2021, onde 73% da população são católicos romanos, 2% adventistas do sétimo dia, 2% nazarenos, 2% cristãos racionalistas, 1% muçulmanos e 16% não se identificam com nenhuma religião. Grupos que juntos constituem menos de 5% da população incluem Testemunhas de Jeová, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Nova Apostólica, Assembleias de Deus e outros grupos cristãos. Há pequenas comunidades bahá'ís e judaicas.

Essa aparente maioria cristã oculta desafios missiológicos importantes, como, por exemplo, a fé nominal e o sincretismo entre a prática católica e os ritos africanos. Outro fator que mostra a importância estratégica de Cabo Verde é na diáspora caboverdiana, pois há mais caboverdianos fora do país do que dentro, espalhados principalmente em Portugal e EUA, ou como os caboverdianos dizem, na América. Sendo assim, um esforço missionário bem contextualizado, pode repercutir não apenas dentro do país, mas fora também, refletindo nas comunidades caboverdianas em diáspora.

À luz desse cenário, este trabalho visa demonstrar como a antropologia pode auxiliar o desenvolvimento missionário transcultural em Cabo Verde, seguindo os tópicos propostos para a atividade 3 da matéria de Antropologia da Missão:

⁷ Disponível em: <https://www.embcv.org.br/portal/religiao/>. Acesso em: 25 junho 2025.

⁸ Disponível em: <https://www.state.gov/reports/2022-report-on-international-religious-freedom/cabo-verde/>. Acesso em: 25 junho 2025.

(i) descrição do campo missionário; (ii) preparação prática para idioma, choque cultural e levantamento de recursos; (iii) análise da cultura e da cosmovisão caboverdiana; (iv) estratégias de contextualização do evangelho; e, (v) lições aprendidas. Ao longo da exposição, haverá o diálogo entre autores de referência, como, Paul Hiebert, Justo González, David Bosch, Don Richardson, Myron Loss, Ronaldo Lidório, O'Donovan e as recentes obras de teologia africana de Emiliano João, visando construir um plano missionário relevante para o povo caboverdiano.

Preparação para o Campo Missionário

A língua portuguesa é considerada língua oficial de Cabo Verde, sendo útil para a esfera governamental e escolar; entretanto, no dia a dia do povo, a língua falada é o crioulo caboverdiano, dialeto que pode variar entre as ilhas de Sotavento e de Barlavento. Segundo HIEBERT (2005, p. 83), “aprender bem a língua e a cultura é fundamental para o nosso serviço missionário futuro”.

Hiebert também destaca que nos primeiros anos é muito importante aprender a língua corretamente, sendo necessário investir muito tempo no aprendizado dos sons de forma correta, pois depois que se aprende errado, fica muito difícil corrigir esses erros tornando-se erros habituais⁹. Para LOSS (2005, p. 65), “uma das primeiras lutas de um novo obreiro é na área do aprendizado da língua”. Para Muller (2013, p. 17),

“A primeira tarefa que o obreiro cristão encara é aprender o idioma. Isso não significa apenas aprender a bater um papo ou usar a linguagem local. Exige aprender a se expressar em termos que comuniquem verdades profundas. Isso não é uma tarefa simples. O aprendizado do idioma representa um grande esforço que exige horas de investimento e muita energia. Nenhum idioma pode ser bem aprendido em alguns meses, mesmo que a pessoa gaste todo seu tempo em estudo aprofundado”.

Seguindo o princípio “essencial versus negociável” (HIEBERT, 2005, p. 57), é possível definir que a fluência na língua local, o crioulo, como essencial, ou seja,

⁹ HIEBERT, Paul G. O evangelho e a diversidade das culturas: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 83.

sem o crioulo o missionário permanecerá sempre como um estrangeiro e será pouco eficaz na comunicação do evangelho.

Segundo o Decreto-Lei nº 8/2009, de Cabo Verde, através do Boletim Oficial, institui o Alfabeto Cabo-verdiano (ALUPEC)¹⁰. Sendo assim, é extremamente importante o aprendizado do crioulo caboverdiano através do ALUPEC – Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano. É muito importante que na preparação para ida de missionários para Cabo Verde se invista em um curso intensivo de fonologia através do sistema oficial de escrita – ALUPEC. De igual modo, o aprendizado e a prática na comunicação do crioulo é muito importante, pois não somente entender a estrutura e os sons faz sentido, mas conseguir manter um diálogo duradouro e profundo mostra que o missionário não é mais um estrangeiro, mas alguém que entendeu que a fluência é primordial na comunicação do evangelho. Segundo Muller (2013, p. 22), “tornar-se alguém de dentro inclui viver e agir como alguém de dentro” e isso passa pelo domínio do idioma falado no dia a dia. Entretanto, não somente o idioma é importante, mas entender a cultura e suas dinâmicas sociais, como, por exemplo, comportamentos aceitáveis, padrões de pensamento e como o outro entende o mundo e vive diariamente.

Para Loss (2005, p. 61), adaptar-se a uma nova cultura, entendendo o estilo de vida e os padrões de pensamentos e comportamentos, pode tornar uma experiência muito estressante. Loss apresenta alguns fatores de estresse na vida transcultural, como, mudança nos papéis sociais, mudança na língua, mudança na rotina, mudanças na formação do relacionamento interpessoal, sentimentos de culpa e desajuste emocional, gerando choque cultural com quatro reações possíveis, a primeira é a rejeição total da nova cultura, a segunda é a rejeição total da velha cultura, a terceira uma coexistência com má vontade, e a quarta é a integração saudável do novo com o velho¹¹.

“A vida transcultural impõe estresse intenso sobre o aspecto psicológico. O grau de estresse varia de acordo com o grande de diferença cultural entre o lar e as culturas anfitriãs. Por causa das

¹⁰ Disponível em: <https://boe.incv.cv/Bulletins/Download/194>. Acesso em: 25 junho 2025.

¹¹ LOSS, Myron. Choque cultural: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. 2. ed. Trad. Márcio Cruz. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2005. p. 63-73.

realizações diminuídas significativamente, os obreiros tendem a se sentirem culpados por não viver segundo as expectativas”¹²

Para mitigar o impacto do choque cultural, é possível adotar algumas práticas como, por exemplo, a mentoria periódica com missionários mais experientes, aprender como adquirir um novo idioma, estabelecer uma rede de intercessores e, por fim, mas não se limitando às opções compartilhadas, um diário de estresse, onde o missionário poderá compartilhar os sinais biológicos, emocionais e espirituais.

Outro fator de estresse na vida missionária é o levantamento de recursos, não somente o financeiro. Em Cabo Verde, por exemplo, há limitações de alimentos, pois muitos deles são importados, inclusive legumes e frutas. No interior das ilhas, principalmente na ilha de Santiago há a produção de verduras e alguns tipos de legumes de forma artesanal ou não mecanizada. Outro fator complicador é a logística, pois somente é possível chegar no país via transporte aéreo ou marítimo. O arquipélago se torna muito caro para chegar no país e se locomover entre as ilhas. Há relatos de pessoas que usam o transporte marítimo para a locomoção entre as ilhas que muitas vezes ao chegar na outra ilha, devido a violência do mar, o navio é obrigado a retornar para a ilha de partida. Outro fator limitador é a restrição no atendimento médico, pois dependendo da especialidade não se tem acesso ou a viabilidade se torna muito caro, quase que impossibilitando o acesso. Da mesma forma, os remédios necessários para os tratamentos médicos, em sua grande maioria, é importado, tornando o valor de compra dos remédios muito altos, inviabilizando o acesso aos mais pobres.

Outro fator de estresse na vida missionária é o planejamento familiar, caso haja filhos na idade escolar. Em Cabo Verde, após a educação infantil e antes do nível superior, ou seja, no ensino fundamental e ensino médio é exclusivamente ofertado pelo governo de forma pública, mas isso não quer dizer que não haverá uma cobrança, pois no país é adotado a “propina”, uma mensalidade para que as crianças possam estudar e que será calculada a partir das condições financeiras da família em questão.

¹² LOSS, Myron. Choque cultural: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. 2. ed. Trad. Márcio Cruz. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2005. p. 73.

Dessa forma, é muito importante que os missionários que desejam servir em Cabo Verde tenham parceiros que entendam claramente essa realidade para que o sustento não venha a se perder com o tempo, tornando o retorno prematuro algo a se considerar.

Cultura & Cosmovisão

Para Muller (2013, p. 137), “uma cosmovisão é simplesmente um modelo de como um grupo de pessoas vive, pensa e se relaciona”. Como já apresentado anteriormente, o *krioulu kaubuverdianu*, assim como é escrito pela ALUPEC, é a língua do coração do povo de Cabo Verde, sendo primordial que se aprenda para a interação no dia a dia.

O principal prato típico em Cabo Verde é a *katxupa*, ou cachupa, em português, sendo um prato a base de milho e feijão, principalmente o feijão verde e o feijão pedra. Além dos componentes duros, como os caboverdianos chamam, são inseridos os legumes, como, por exemplo, abóbora, mandioca, cenoura, alho, cebola, tomate, temperos diversos e as carnes, podendo misturá-las, ou seja, coloca-se peixe, frango, carne bovina e carne de porco. Mas como as carnes são muito caras, há o que a população chama de cachupa rica e a cachupa pobre, sendo a chachupa pobre carnes mais baratas como salsicha, miúdos de frango e de porco. A alimentação caboverdiana se baseia no milho, algo que é cultivado por muitas pessoas nos terrenos de suas casas, e na carne de porco, que são criados nas lajes das casas, visto que a grande maioria das casas não tem telhados, e que dificilmente chove no país e o custo para se colocar o telhado é muito alto. Outro fator para criar os porcos na laje da casa é para que ninguém roube sua criação¹³.

As refeições em Cabo Verde são longas e coletivas, algo típico no continente africano, tendo na expressão *morabeza* o conceito de hospitalidade caboverdiana. Para alguns a *morabeza* não se limita somente a hospitalidade do povo, mas vai além, incluindo a música, a dança, o estilo de vida, a diversidade

¹³ Disponível em: <https://muconsancplp.unilab.edu.br/receita/katxupa-cachupa-tradicional-de-cabo-verde>. Acesso em: 25 junho 2025.

cultural, a beleza, ou seja, *morabeza* é a essência de ser do verdadeiro caboverdiano¹⁴.

A música para o povo caboverdiano está incluso na essência de ser. Há vasta diversidade de expressões musicais no país, como, funaná, morna, coladeira, *batuko*, *mazurca*, *talaia baxu*, valsa e samba. A principal intérprete da música caboverdiana para o povo e que ganhou mais expressão fora de Cabo Verde foi Cesária Évora, uma emigrante que viveu por muitos anos e até sua morte em Portugal¹⁵.

O *Batuko*, por exemplo, é um estilo musical que representa a resistência histórica das mulheres escravas e a celebração da vida em comunidade. Outra questão importante para o povo são as festas, que são baseadas nos santos e padroeiros da igreja católica romana, gerando um sincretismo entre tradições religiosas africanas e a religião do colonizador, Portugal.

A partir disso, O'Donovan reflete e discute se existe uma cosmovisão africana tradicional. O autor apresenta que há muitas semelhanças entre muitos grupos africanos tradicionais, o que não é diferente em Cabo Verde. Muitos povos africanos tem um senso mais forte de serem africanos do que pertencerem a um país, apresentando alguns elementos em comum, como, por exemplo, é a ênfase na vida em comunidade com outras pessoas do mesmo clã, a relação entre os vivos e os mortos, a perspectiva que se tem do mundo dos espíritos e a relação com o mundo físico, as prioridades na vida, a história da colonização e sua independência, a visão integral da vida, e, por fim, mas não se limitando a esses, a ênfase nos eventos da vida mais do que em programas e tempo¹⁶.

Essa cosmovisão africana tradicional reflete fortemente no paradigma da cultura apresentado por Muller como os resultados do pecado, a saber: culpa, vergonha e medo, o que Muller chamou de Efeito Éden¹⁷.

¹⁴ Disponível em: <https://www.salcabo Verde.com/morabeza-the-beauty-and-power-of-cabo-verdean-culture/>. Acesso em: 25 junho 2025.

¹⁵ Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/musica-cabo-verdiana-e-composta-de-oito-generos-musicais/>. Acesso em: 25 junho 2025.

¹⁶ O'DONOVAN Jr., Wilbur. O cristianismo bíblico da perspectiva africana. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 14.

¹⁷ MULLER, Roland. O mensageiro, a mensagem, a comunidade. Atibaia, SP: Pregue a Palavra, 2013. p. 149-154.

“Quando o homem pecou, três grandes condições vieram sobre a humanidade. Ao pecar, o homem transgrediu a lei de Deus e consequentemente se colocou em uma posição de culpa. Ao pecar, o homem também quebrou o relacionamento com Deus e consequentemente colocou-se em posição de vergonha. Finalmente, quando o homem pecou, ele traiu a confiança de Deus e a partir desse momento, colocou-se em posição de medo.”¹⁸

À luz da tipologia de Muller (2013, p. 149-154), Cabo Verde demonstra como um paradigma cultural predominante o eixo Honra x Vergonha como matriz principal, o que é muito presente nas culturas africanas. Mas, também, não se pode esquecer, fruto do animismo africano, o paradigma do Medo x Poder. Em Cabo Verde esse último paradigma cultural não é tão perceptível, somente nas esferas mais profundas da cultura que é possível identificá-la. Também influenciado pelo catolicismo, a cultura caboverdiana apresenta elementos do paradigma cultural da Culpa x Inocência.

O desafio missiológico é proclamar Cristo como aquele que restaura a honra perdida com o pecado e oferece nova identidade na família de Deus, enquanto confronta medos espirituais e o sentimento de culpa.

Reconhecer esses elementos, principalmente o paradigma da Vergonha x Honra, permitirá que o missionário fale ao coração do povo caboverdiano, ganhando o direito de ser ouvido. Muller (2013, p. 23) afirma ser necessário que o missionário se esforce para que ele seja aceito como quem tem algo digno de ser compartilhado.

Contextualização do Evangelho

É na contextualização do Evangelho que é possível encontrar os maiores desafios e oportunidades para transmitir o evangelho em Cabo Verde encontrando os meios para enfrentar o animismo e o sincretismo locais.

Um dos principais desafios é a fé nominal e o sincretismo católico popular, onde se mistura a procissão do padroeiro católico, com as músicas típicas e o consumo de grogue, bebida destilada feita de forma artesanal pelo povo.

¹⁸ MULLER, Roland. O mensageiro, a mensagem, a comunidade. Atibaia, SP: Pregue a Palavra, 2013. p. 159.

Bosch (2009, p. 279-280), afirma que embora os projetos das cruzadas tivessem fracassados, sua mentalidade persistiu, sendo as raízes dos colonizadores e de todo o fenômeno da colonização europeia do resto do mundo, ocasionando consequências terríveis como, por exemplo, a escravidão de povos não-ocidental, o que o fato desses outros povos serem diferentes possibilitou que os ocidentais vencedores os considerassem inferiores.

“A decisão mediante a qual os reis da Espanha e de Portugal se tornaram ‘patronos’ da expansão missionária em suas colônias não se mostrou isenta de problemas. A propagação da fé e as políticas coloniais passaram a entrelaçar-se de tal maneira, que, muitas vezes, era difícil distinguir uma das outras. As dioceses fundadas nas colônias recebiam bispos aprovados pela autoridade civil. Esses bispos não tinham permissão de comunicar diretamente com o papa; além disso, os decretos papais precisavam ser endossados pelo rei antes que fossem publicados e entrassem em vigência nas colônias. Os governantes da Espanha e de Portugal em breve se consideraram não apenas representantes do papa, mas deputados imediatos de Deus”¹⁹

O'Donovan destaca que “pessoas que vêm de um contexto não cristão muitas vezes se vêem tentadas a simplesmente acrescentar o cristianismo ao sistema religioso de onde vieram. O resultado é uma mistura das duas religiões. A isso se dá o nome de sincretismo.”²⁰.

Outro desafio é o animismo e o paradigma cultural do Medo x Poder. A presença de rituais de proteção, o uso de amuletos e a crença de que um feiticeiro mais poderoso pode inviabilizar algo em suas vidas.

Diante desse cenário com presença do animismo e sincretismo, é extremamente importante buscar estratégias de contextualização. Bosch (2009), em sua obra, apresenta o modelo encarnacional transformador, onde é possível celebrar festas comunitárias centradas em Cristo substituindo as festas com oferendas sincréticas.

¹⁹ BOSCH, David J. Missão transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2009. p. 281.

²⁰ O'DONOVAN Jr., Wilbur. O cristianismo bíblico da perspectiva africana. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 272.

Já Richardson (1998), em sua obra, desenvolve os pontos redentivos, principalmente na parte 2 da obra, onde o autor desenvolve que o Evangelho está preparado para o mundo. Por exemplo, a *morabeza* caboverdiana é um ótimo ponto redentivo onde é possível conectar ao texto bíblico de Apocalipse capítulo 19, versículo 9, onde Deus nos recebe à Sua mesa. Da mesma forma, assim como o mar e a pesca são importantes para o povo caboverdiano, é possível conectar com as narrativas de Jesus com os pescadores. De igual modo, é possível conectar que a honra será restaurada ao apresentar Cristo como quem cobre a vergonha e confere status de família real.

Contextualizar o evangelho em Cabo Verde exige importar formas estrangeiras, mas encarnar a mensagem nos códigos do *kriolu*, na *morabeza*, e na musicalidade das ilhas, enquanto confronta medos espirituais e restaura a honra perdida.

Ao filtrar cada prática pelo critério essencial e negociável (HIEBERT, 2005, p. 57), o missionário serve como ponte entre Escrituras Sagradas e cultura, permitindo que as Boas Novas do Evangelho floresça e cresça nos corações do povo caboverdiano, livrando-se do sincretismo e do animismo.

Considerações Finais

Missões começa com escuta. Lidório e Hiebert destacaram que o missionário precisa observar, descrever e interpretar a realidade local, caso queira compartilhar o evangelho de forma contextualizada.

Mapear a matriz cultural dominante é extremamente relevante para entender qual abordagem de contextualização será seguida. Para Cabo Verde, a perspectiva da Vergonha x Honra mostrou que a restauração de status comunitário fala mais alto que argumentos de culpa ou manifestações de poder. Com isso, proclamar Jesus Cristo como aquele que cobre a vergonha e acolhe na família de Deus, torna-se caminho de maior relevância no contexto caboverdiano.

A contextualização é filtro, não concessão. O critério essencial x negociável mostrou-se indispensável para discernir o que pode ser resgatado, como, por

exemplo, ritmos e hospitalidade, e o que precisa de ruptura, como amuletos protetores de forças ocultas.

Quanto melhor se compreender a cultura, mais fiel e poderosa se torna a mensagem. Este artigo mostrou que esse aprendizado, ao traduzir a teoria em passos práticos para Cabo Verde, é um teste real de que o evangelho pode sim falar *krioulu*, dançar batuque e ainda assim transformar os corações caboverdianos para a glória de Deus Pai.

REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2009. 690 p.

CABO VERDE. **Decreto-Lei nº 8/2009, de 16 mar. 2009**. Institui o Alfabeto Cabo-verdiano (ALUPEC), aprovado em regime experimental pelo Decreto-Lei nº 67/98, de 31 dez. 1998, como Alfabeto Cabo-verdiano. Boletim Oficial da República de Cabo Verde, I Série, nº 11, p. 74-76, 16 mar. 2009.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e evangelho**: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011. 151 p.

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 1999. 307 p.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011. 208 p.

LOSS, Myron. **Choque cultural**: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. 2. ed. Trad. Márcio Cruz. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2005. 192 p.

MULLER, Roland. **O mensageiro, a mensagem, a comunidade**. Atibaia, SP: Pregue a Palavra, 2013. 397 p.

O'DONOVAN Jr., Wilbur. **O cristianismo bíblico da perspectiva africana**. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999. 376 p.

RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque**: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 181 p.